



O TEMPO DE EXCEÇÃO DO RISO NO REISADO: A CARTOGRAFIA DA PERFORMANCE DE BRINCANTES TRANSVIADOS E O TERREIRO DO MESTRE COMO ESPAÇO EDUCATIVO

EL TIEMPO DE EXCEPCIÓN DEL RISO EN EL REISADO: LA CARTOGRAFÍA DEL PERFORMANCE DE BRINCANTES LGBTT + Y EL TERRITOR DEL MAESTRO COMO ESPACIO EDUCATIVO

THE EXCEPTION TIME OF THE LAUGHTER IN THE REISADO: THE CARTOGRAPHY OF THE PERFORMANCE OF BRINCANTES LGBTT+ AND THE MESTRE'S TERRITORY AS EDUCATIONAL SPACE

*Ribamar José de Oliveira¹
Lore Fortes²*

RESUMO

A partir do pensamento de Albuquerque Junior (2013) sobre a comemoração como a experiência de um tempo fronteiro e diante das reflexões de Barroso (2018) sobre o riso do brincante nas cenas de Reisado nordestino, o trabalho propõe tecer uma cartografia da performance de pessoas LGBTT+ nos grupos de Reisado em Juazeiro do Norte, interior do Ceará, para pensar a construção do território existencial no plano cartográfico (ALVAREZ; PASSOS; 2009) como espaço educativo na tessitura da cultura popular na região do Cariri cearense. Diante de uma pesquisa-intervenção, pretende-se levar em consideração a experiência da brincante Francisca da Silva para avançar a análise de gênero e sexualidades no Reisado, no sentido de refletir sobre outras possíveis subversões no enredo da dança popular e do rito tradicional através da performance no cortejo cênico. Percebe-se, entre Mestre e brincante, os processos de ensino-aprendizagem da dança como potentes pedagogias culturais.

PALAVRAS-CHAVE: Cartografia. Performance. Educação. Reisado.

¹ Mestrando. Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, Rio Grande do Norte, Brasil.

² Doutora. Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, Rio Grande do Norte, Brasil.

RESUMEN

A partir del pensamiento de Albuquerque Junior (2013) sobre la conmemoración como la experiencia de un tiempo fronterizo y ante las reflexiones de Barroso (2018) sobre la risa del juego en las escenas de Reisado nordestino, el trabajo propone realizar una cartografía de la performance de personas (En el caso de las mujeres), en el caso de las mujeres, en el caso de las mujeres. Ante una investigación-intervención, se pretende tener en cuenta la experiencia del brincante transexual Francisca da Silva para avanzar el análisis de género y sexualidades en el Reisado, en el sentido de reflexionar sobre otras posibles subversiones en la trama de la danza popular y del rito tradicional a través de la performance en el cortejo escénico. Se percibe, entre Maestro y bromeante, los procesos de enseñanza-aprendizaje de la danza como potentes pedagogías culturales..

PALABRAS-CLAVE: Cartografía. Performance. Educación. Reisado.

ABSTRACT

From Albuquerque Junior's thinking (2013) on the celebration as the experience of a frontier time and before the reflections of Barroso (2018) on the laugh of the player in the scenes of Reisado northeastern, the work proposes to carry out a cartography of the performance of people LGBTTT + in the Reisado groups in Juazeiro do Norte, interior of Ceará, to think about the construction of the existential territory in the cartographic plane (ALVAREZ; PASSOS; 2009) as an educational space in the fabric of popular culture in the Cariri region of Ceará. In view of an intervention research, it is intended to take into account the experience of the brincante transexual Francisca da Silva to advance the analysis of gender and sexuality in Reisado, in order to reflect on other possible subversions in the plot of popular dance and the traditional rite through of the performance in the procession. The teaching-learning processes of dance are perceived as potent cultural pedagogies between Master and braggart.

KEYWORDS: Cartography. Performance. Education. Reisado.

Introdução

O presente trabalho propõe cartografar a performance de pessoas LGBTTT+³ nas manifestações culturais de Reisado⁴ em Juazeiro do Norte, interior do Ceará. O objetivo do trabalho está atrelado ao avanço da pesquisa desenvolvida na monografia “A espada do ativismo: mediações entre cu e cultura nas paisagens de Tica, Rainha do Reisado Santa Helena⁵”, apresentada ao curso de Jornalismo e publicada pela Universidade Federal do Cariri (UFCA) no ano de 2018.

³ LGBTTT+ é a sigla de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros. O sinal + é utilizado para alcançar uma amplitude maior diante do movimento LGBT e ativismos *queer*.

⁴ Segundo Barroso (2013) o Reisado é folguedo popular religioso que se desenvolve no Brasil inteiro, com ênfase no Nordeste. No Ceará tem forte influência no eixo centro-sul, caracterizando a região do Cariri como potente na tradição.

⁵ Grupo que há mais de 30 anos atua em Juazeiro do Norte com o Mestre Dedé, fundador do Santa Helena.

A monografia considerou a performance de Francisca da Silva, mais conhecida como Tica, mulher transexual, um ponto chave para perceber os atravessamentos no rito religioso e na forma como a brincante pode fazer um corte no núcleo duro da heteronormia⁶, forçando a permeabilidade ao não binarismo na poética da tradição. Já a proposta deste trabalho, reflete a partir da análise anterior e pretende avançar no sentido de perceber outras possíveis subversões no enredo da dança popular e do rito tradicional através da performance de outras pessoas LGBTQTT+ no cortejo cênico regional.

Nas últimas entrevistas⁷ com Tica, foi possível perceber que ela ressaltou a presença e o reconhecimento de outros brincantes LGBTQTT+ em Reisados no município. Nesse sentido, a proposta de uma cartografia propõe a analisar a potência e emergência dos processos de produção de subjetividades desviantes na transgressão do ritual da tradição da manifestação popular. Pois é possível analisar, através da performance de Tica, tida como uma das primeiras brincantes mulheres transexuais na cultura popular do Reisado juazeirense, a potencialidade da reunião corporificada de brincantes LGBTQTT+ frente às dissidências sexuais e de gênero, principalmente, no que diz respeito ao deslocamento identitário e a desterritorialização nos modos dominantes de subjetivação diante do rígido arranjo religioso, uma vez que os Reisados “são a reedição do cortejo dos Santos Reis Magos, em direção a Belém, para visitar o Menino Deus” (BARROSO, 2018, p. 240).

Do rito ao ato, o presente trabalho considera percorrer um caminho cartográfico nos grupos de Reisado do tipo Congo — derivação da dança que, em sua maioria, utiliza jogo de espadas — a fim de acompanhar as instâncias de criação e de realização das performances, para assim, perceber como o riso de brincantes (BARROSO, 2018) transviados (BENTO, 2009) nas performances podem, dentro do tempo de exceção (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2013) que a comemoração do cortejo⁸ instaura no rito, desenvolver processos que se derivam do terreiro do Mestre — espaço em que a dança é aprendida e ensaiada pelo grupo, geralmente, localizado no quintal da casa — como espaço educativo.

⁶ Em uma perspectiva *queer*, seria o padrão de sexualidade que regula práticas, desejos e corpos convencionado no modelo heterossexual (LOURO, 2005).

⁷ Entrevista cedida dia 6 de janeiro de 2018, no dia de Reis.

⁸ No calendário municipal, o cortejo de Reis tem início no dia 25 de dezembro e vai até 6 de janeiro. No caso, o tempo de exceção (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2013) dialoga com o tempo de cortejo na rua que representa o rito de passagem religioso.

A comemoração como rito e o riso do brincante

No que diz respeito à análise no contexto regional, retoma-se a invenção do Nordeste de Albuquerque Junior (1999) para recorrer ao Reisado como arte da tradição popular inserida no recorte espacial da identidade nordestina e atravessada pelo discurso saudosista. Além disso, leva-se em consideração a reflexão do autor sobre a comemoração como a experiência inserida em uma temporalidade fronteiriça e multiplicada, para assim, refletir o tempo de exceção que o Reisado como “ritual que convoca e obriga a lembrança” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2013, p. 386), estabelece na construção espacial de Nordeste.

Dentro desta perspectiva, recorre-se às análises de Barroso (2018) sobre Reisado de Congo, principalmente, diante dos mestres e brincantes populares que explicam a performance como “o cortejo da ida, durante o qual os Reis iam travando batalhas contra os infiéis, executando danças e canções guerreiras, além de encontrar animais exóticos, seres maravilhosos e tipos sociais do mais variados” (BARROSO, 2018, p. 241). No viés do pensamento bakhtiniano, Barroso (2018) ao destacar os sujeitos envolvidos na dança como desencantados, ou seja, “brincantes, pessoas simples, que durante o Reisado, desencantam o deus que neles se esconde, incorporando figuras de santos e reis desencantados, para viver uma outra realidade” (BARROSO, 2018, p. 241), evoca o riso do brincante como riso do mundo invertido.

Os terreiros de Reisado, diante do que Barroso (2013) considera o encantamento e o desencantamento do brincante, aparecem dessa forma como um plano território que agencia o riso do brincante, pois processos de subjetivação e linhas de pensamento tecem singularidades e práticas sociais que já estão em curso, evidenciadas pelos enunciados do corpo na performance. Albuquerque Junior (2013), ao falar sobre a necessidade do ritual em efetivar a presença de uns aos outros, considera que a comemoração, vista como saída em um ato coletivo, constitui “uma ação que só se pode realizar acompanhado, uma ação que convoca e exige a presença de um outro” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2013, p. 386). Nesses termos, é possível considerar a ação dentro do Reisado como ritual de comemoração, demonstrada pelo riso do brincante que, segundo Barroso (2018), aparece pelo contato corporal em comunidade.

Dessa forma, pode-se relacionar a temporalidade envolvida na performance do Reisado com o que Albuquerque Junior (2013) considera ser o tempo de exceção instaurado na comemoração, no sentido de evidenciar “um passado que se quer fazer presente e um presente que, nesse mesmo gesto, tenta se fazer passado”

(ALBUQUERQUE JUNIOR, 2013, p. 387), com o que Barroso (2018) entende pela necessidade da brincadeira popular em situar o atual, efêmero e irrepetível. “Como um presente em constante mutação que, a qualquer tempo e em qualquer espaço, possa tomar corpo na forma de um rito cômico” (BARROSO, 2018, p. 243).

Levar em consideração o objetivo cartográfico de acompanhar a performance do Reisado, ou seja, o riso do brincante em cena, diante das reflexões dos autores sobre a temporalidade fronteira, múltipla e indecisa da comemoração, permite retomar a noção de Alvarez e Barros (2009) em que a prática cartográfica seria habitar um território existencial. Nesse sentido, cartografar a performance de brincantes LGBTTT+ aparece como forma de procurar um entrelugar no tempo de exceção — visto como os momentos em que o cortejo é colocado na rua convocado pelas datas comemorativas — do rito popular e do encantamento do riso do brincante, sendo capaz de mapear não só os processos de ensino performativo dos ensaios da dança entre Mestre e brincantes, mas como também considerar o corpo dos mesmos como instrumento de subjetivação e aprendizado sobre os saberes na cultura popular.

O Reisado como objeto-processo cartográfico

Partindo da premissa de que “a cartografia surge como um princípio do rizoma que atesta, no pensamento, sua força performática, sua pragmática, um princípio inteiramente voltado para uma experiência ancorada no real” (DELEUZE, 1995, p.21), ressalta-se a necessidade de percorrer movimentações e pistas de ação minoritária nos Reisados sem atrapalhar os processos em curso envolvidos nas cenas do folguedo. Desse modo, a cartografia como método de pesquisa propõe alçar um percurso capaz de acompanhar a experiência dos brincantes, tanto no plano coletivo de forças (DA ESCÓSSIA; TEDESCO, 2009) visibilizados nas cenas do cortejo, como nos processos de individuação dos sujeitos (BARROS; PASSOS, 2009).

Ao considerar que a análise cartográfica descreve, intervém e cria efeitos-subjetividade, considera-se a pesquisa-intervenção como possível para acompanhar a performance, no que diz respeito aos ensaios e cortejos, de brincantes LGBTTT+ nos Reisados de Congo juazeirenses. Pois, entendendo a performance de Reisado, evidenciada por Barroso (2013) através da improvisação cênica, ressalta-se no trabalho a necessidade que Kastrup (2009) entende como a investigação cartográfica dos processos de produção na pesquisa: acompanhar e não representar um objeto.

Toma-se o Reisado como “objeto-processo” (KASTRUP, 2009, p. 49) para assim acompanhar a processualidade, e não o processamento, presente na performance dos brincantes LGBTT+ por meio da cartografia. Ainda, o trabalho considera que os terreiros de Reisado possuem uma espessura processual, vista como “tudo aquilo que impede que o território seja um meio ambiente composto de formas a serem representadas ou de informações a serem coletadas” (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 51). Dentro dessa perspectiva, a intervenção no plano, produz modulações, “potencializa resistências atuais e atualiza existências potenciais” (PASSOS; BARROS, 2009, p. 20).

O objeto-processo do Reisado, mediado pela performance do improviso, aparece como parte do reconhecimento de que “o tempo todo, estamos em processos, em obra” (KASTRUP, 2009, p. 73), e isso equivale as redes de inter-relações, ou seja, das relações entre relações que o método pode alcançar, onde a cartografia aparece como método intermediário, como intervenção no meio.

A processualidade da performance inventiva do Reisado parece se localizar, de acordo com Guattari (1992), nos vetores de caotização nos quais o autor chamou de movimentos de caomose, onde desarranjos e novos arranjos produzem a realidade. Assim, se a cartografia considera todo conhecimento como transformação da realidade, o trabalho, como pesquisa-intervenção, aponta para a complexidade dos procedimentos metodológicos em analisar fragmentos performáticos e seu funcionamento em rede de conexões. Pode-se considerar o que Passos e Barros (2009) entendem por momentos quentes da rede para falar da operação transversal dos vetores de caotização do plano que conecta devires minoritários. O cortejo, instaurado no tempo de exceção do rito do Reisado, pode ser visto, como um momento quente da rede cênica da dança.

Dessa forma, diante do que Kastrup (2009) considera ser o trabalho do cartógrafo, procura-se utilizar a atenção cartográfica, vista pela autora como flutuante, concentrada e aberta. Pois se análise já não busca algo definido, devido ao saber-fazer do Reisado e aos movimentos emergentes da performance que já estão em curso na produção cultural da dança, pretende-se acionar a subjetividade do cartógrafo pelo afeto do plano em que a matéria força ativa uma virtualidade e potencializa algo que “já estava lá”. Vale considerar que Deleuze e Guattari (1995) sublinham que a cartografia não é uma competência, mas uma performance.

Portanto, os afetos próprios de um território do Reisado e os modos de fazer a performance cênica apontam para o exercício da atenção do cartógrafo, no que diz

respeito a possibilidade da escrita amarrada na experiência (KASTRUP, 2009), em performatizar acontecimentos. A reflexão permite pensar na possibilidade da performance coletiva transviada apresentar outros modos de brincar Reisado através da prática educativa aprendida e dançada, uma vez que os papéis na dança estão posicionados histórica e culturalmente no âmbito masculino (BARROSO 2013).

Considerações finais

O exercício cartográfico permite conhecer o que se faz por meio do modo como é feito. Pois as performances dos brincantes LGBTT+, atreladas ao riso, aos uso do corpo, a imitação performativa dos gestos do Mestre, ao canto dos relaxos⁹, aos improvisos teatrais e a narratividade de cada personagem nas performances da dança, parecem estar no cruzamento e nas franjas dos territórios existenciais da cartografia, cujo objetivo do método se faz em “desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente” (KASTRUP, 2009, p. 57).

Levar em consideração o plano de intensidades das forças do campo, faz-se necessário para lançar ao aprendizado de afetos e a abertura do movimento do território do Reisado, pois dentro das variáveis em conexão, há “vidas que emergem e criam uma prática coletiva” (KASTRUP, 2009, p. 74). A experiência dos brincantes LGBTT+ pode aparecer como ferramenta de contraprodução da tradição, por mesclar a vivência com a performance da dança, ou seja, evidenciar outros modos de produzir cultura popular.

Dessa forma, considera-se os processos de produção de subjetividade dos brincantes LGBTT+ nas dinâmicas educativas das performances do Reisado e o acompanhamento dos mesmos pela prática cartográfica na construção de um território existencial (ALVAREZ; PASSOS, 2009), como possíveis “potentes pedagogias culturais” (LOURO, 2008, p. 18). Em que tanto os terreiros de cada grupo, atravessados por processos de produção em curso, como também a cartografia, evidenciam espaços educativos transgressores, principalmente, por alargarem as dissidências sexuais e de gênero pelo saber popular. O tempo de exceção do riso no Reisado, caracterizado pelo percurso do cortejo performático, aparece permeado por processos de aprendizagens do

⁹ Segundo Barroso (2018), relaxos são versos cômicos cantados no Reisado.

corpo, ainda mais de forma subversiva, quando o corpo aparece marcado pela dissidência na releitura de uma possível tradição transviada.

Referências

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *Conferência - Ritual de Aurora e de Crepúsculo: a comemoração como a experiência de um tempo fronteiro e multiplicado ou as antinomias da memória*. Rev. Bras. Hist. Vol.33, n. 65, junho, 2013. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882013000100016&lng=pt&nrm=iso >. Acesso em: 8 de outubro de 2018.

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. *Cartografar é habitar um território existencial*. In: Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009, 131-150.

BARROSO, Oswald. *Teatro como encantamento: bois e reisados de caretas*. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2013, 436 p.

_____, Oswald. *O riso brincante do Nordeste*. Rebento, n. 7, dezembro, 2017. Disponível em: <<http://www.periodicos.ia.unesp.br/index.php/rebento/article/view/237/161>>. Acessado em: 2 de outubro de 2018.

BARROS, L. P. & Kastrup, V. *Cartografar é acompanhar processos*. In: Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009, 52-76.

BENTO, Berenice. Prefácio, in: PELÚCIO, Larissa. *Abjeção e Desejo: Uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids*. São Paulo: Annablume, 2009, 264 p.

DA ESCÓSSIA, Liliana; TEDESCO, S. In: *O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica*. Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009, 92-109.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol.1. São Paulo: Ed. 34, 1995, 94 p.

GUATTARI, Félix. *Caosmose*. Editora 34, 1992, 208 p.

KASTRUP, Virgínia; BARROS, RB de. *Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia*. In: Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 76-92.

_____, V. *O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo*. In: Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 32-52.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Proposições*, v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008.

_____, Guacira Lopes. *Heteronormatividade e homofobia*. In: Notas para conferência de abertura do I Simpósio Paraná-São Paulo de Sexualidade e Educação Sexual, Araraquara, abril de 2005.

PASSOS, Eduardo; BARROS, RB de. *Por uma política da narrativa*. In: *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 150-172.

SILVA, Francisca da. Entrevista concedida a Ribamar José de Oliveira Júnior. Juazeiro do Norte, 6 de janeiro de 2018.

Recebido em Outubro de 2018.

Aprovado em Novembro de 2018.